

## O INDIVÍDUO COMO SER SOCIAL

Kelly Cristiny Martins Evangelista<sup>1</sup>  
Tadeu João Ribeiro Baptista<sup>2</sup>  
Jean Fabricio Dias Verissimo<sup>3</sup>

### RESUMO

Este texto pretende analisar a relação presente entre a noção de indivíduo como ser social a partir das contribuições de Marx e Engels. Foi feita a revisão de duas obras: a ideologia alemã e manuscritos econômico-filosóficos contendo, nelas, conceitos fundamentais para entender a sociedade. O objetivo do texto é aprofundar-se na construção histórica do conceito de indivíduo enquanto ser social, apontando a relação do trabalho e possíveis mediadores que justifiquem a compreensão dessa contradição.

**Palavras-chave:** Ser social. Indivíduo. Trabalho. Sociedade.

### INTRODUÇÃO

O texto discute a construção do indivíduo como ser social a partir das contribuições de Marx e Engels. Foram utilizadas as obras Manuscritos econômico-filosóficos de Marx, A ideologia alemã: teses sobre Feuerbach, elaborada por Marx e Engels, além das reflexões propostas na aula do curso de Mestrado em Educação na Universidade Federal de Goiás, com a temática Ontologia e *práxis*: a historicidade do ser social, ministrada pela professora Anita Cristina Azevedo Resende (2016).

Pensar a relação entre indivíduo e ser social remete a uma relação complexa e, para ser apreendida, necessita de um aprofundamento em algumas temáticas. É importante fazer um desdobramento dos parâmetros constitutivos que se apresentam como fundamentais. Na sociedade capitalista, a imagem do indivíduo é recorrente, aparecendo como autônomo, independente e livre. Essa aparência apresenta contradições no que se refere à realidade social, mediada por relações visíveis e também ocultas.

---

<sup>1</sup> Mestrado em Educação (UFG) (em andamento), Pós-graduação (latu senso) em Docência do Ensino Superior (Faculdade Serra Mesa) e graduação em Educação Física (UEG). E-mail: kellycristiny89@hotmail.com.

<sup>2</sup> Doutorado e Mestrado em Educação (UFG). Especialização em Planejamento Educacional (Universo) e em Treinamento Esportivo (ESEGO-UEG) e graduação em Educação Física (ESEGO-UEG). E-mail: tadeujrbaptista@yahoo.com.br.

<sup>3</sup> Mestrado em Ciências da Religião (PUC Goiás). Graduação em DIREITO (Faculdades Aphoniano) e graduação em História (PUC Goiás). E-mail: jean@fimes.edu.br.

A ideia do ser social como individual é um princípio sustentado pela sociedade burguesa que toma o ser social como indivíduo. Porém, é uma construção falsa que não corresponde à realidade. A construção dessa forma de sociabilidade é histórica e não natural. Na atualidade, as relações de dependência são evidentes, mas, ainda assim existe uma forte convicção no indivíduo.

## **A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO INDIVÍDUO**

Um passeio pela cidade, observando pessoas caminhando, comprando, negociando, resolvendo seus problemas cotidianos pode ser suficiente para captar-se a aparência, ou seja, observar as pessoas de forma isolada, independentes. A superficialidade pode levar a entender que o ser social é individual.

O ser social é apresentado, de forma imediata, como indivíduo. Esse modelo é uma base forte na manutenção da sociedade burguesa, pois, a noção de indivíduo leva a crença fiel de que é possível ser independente, autônomo, isolado, autoconsciente, livre, insubordinado, apartado. Contudo, Marx aponta para uma análise de mediações que ocultam essa aparência do ser.

O primeiro fato histórico apresentado por Marx na ideologia alemã refere-se ao conceito de necessidade. O ser humano apresenta falta e carência, sendo essa uma disposição universal.

Temos que começar por constar a primeira premissa de toda a existência humana, e portanto também, de toda história, ou seja, a premissa de que os homens têm de estar em condições de viver para poderem ((fazer história)). Mas da vida fazem parte sobretudo comer e beber, habitação, vestuário e ainda algumas outras coisas (MARX, ENGELS, 1984, p. 31).

Cabe ao seu destino lidar com a inevitabilidade de produzir condutas para sua subsistência, uma necessidade improrrogável, que independe da organização social e do sistema que está em vigor. Essa necessidade insuficiência é universal. O que pode-se afirmar é que, na sociedade capitalista, existem peculiaridades históricas que mediam esse processo. É pela necessidade que as pessoas são organizadas em sociedade, por isso, a necessidade de entrar em contato com outros. A particularidade da sociedade burguesa é a oferta do indivíduo para resolução desse impasse. O que se fabrica para solucionar a nossa condição de dependência é a figura do indivíduo que é isolado, sozinho, autorreferente, autônomo e livre, uma solução contraditória.

No sentido que defende Marx (2010), a existência humana já se configura enquanto ser social, pois, cada sujeito possui consciência de si como ser social e a sociedade é uma abstração em relação ao indivíduo.

O indivíduo é o ser social. Sua manifestação de vida – mesmo que ela não apareça na forma imediata de uma manifestação comunitária de vida, realizada simultaneamente com outros – é por isso, uma extenuação e confirmação da vida social. A vida individual e a vida genérica do homem não são diversas, por mais que também – e isso necessariamente o modo de existência da vida individual seja um modo mais particular ou mais universal da vida genérica, ou quanto mais a vida genérica seja uma vida individual mais particular ou universal (MARX, 2010, p. 108).

Mesmo que o homem tenha uma aparência individual e particular, pertence a uma coletividade e, apesar das diferenças individuais, existe uma unidade do grupo, universal. Para Marx, a essência do ser humano é da natureza social, é no meio social que ele apresenta seus elos com homens, sua relação com os outros e a relação dos outros para com ele.

Apesar disso, a história mostra um modelo de sociabilidade não natural, forjado pela burguesia, que tenta se afirmar enquanto único, utilizando-se da ideia de que o indivíduo é isolado e que isso é uma condição natural, em consonância com a tentativa de confirmar que as relações sociais foram estabelecidas “naturalmente”, desde o princípio da civilização.

Em relação ao trabalho alienado, o indivíduo parece estar isolado e cada um realiza sua parte, originando uma fachada de independência. O trabalho, para Marx, é uma das principais estruturas que constituem o ser social e, esse não é possível sem que ocorram certas mediações. Existe uma forma específica ao qual o ser humano está subordinado, o trabalho estranhado do sistema capitalista.

O conjunto de elementos que designa a existência humana representada pela arte, filosofia, ciência, cultura e trabalho estão relacionadas aos meios de produção. Essa relação é conformada no âmbito das necessidades. Marx e Engels (1984) consideram que o ser humano se diferencia dos animais porque ele produz os seus meios de vida. De forma mediada constroem, também, a vida material. A produção dos meios de vida se diferencia em cada período histórico a depender das condições de cada momento. O modo de vida deve refletir a forma como a vida se expressa, o que eles são vai depender do que produzem e como produzem.

A produção da vida está estreitamente relacionada com outras estruturas sociais. Isso vai definir como os indivíduos são determinados, “como agem, como produzem materialmente, como trabalham, portanto, em determinados limites, premissas e condições materiais que não dependem de sua vontade” (MARX, ENGELS, 1984, p. 21). Significa que as ideias, pensamentos, a ciência e outras reproduções também não fogem a essa realidade, mas, partem dela e são influenciadas pelo seu tempo.

Entender a concepção de história em Marx é muito importante para compreender o ser social. O modo de vida é considerado uma relação histórica, já um aglomerado de acontecimentos lineares e sequenciais não caracterizam a história. Conforme Marx e Engels (1984), a história humana deve ser tomada a partir da existência de seres humanos. A sociedade é apresentada como um produto histórico, o que existe imediatamente permanece em decorrência de outras gerações que deixaram um legado.

A história não é mais do que a sucessão das diferentes gerações, cada uma delas explorando os materiais, os capitais e as forças produtivas que lhes foram transmitidas pelas gerações precedentes; por este motivo, cada geração continua, por um lado, o modo de atividade que lhe foi transmitido mas em circunstâncias radicalmente transformadas e, por outro, modifica as antigas circunstâncias dedicando-se a uma atividade radicalmente diferente (MARX, ENGELS, 1984, p. 43).

Ela é desenvolvida a partir das condições objetivas reais e presentes, isto é, o pensamento dos seus não determina o seu modo de viver, pelo contrário, a produção da vida que definirá inclusive a consciência humana. Para ter condições de fazer história, Marx e Engels (1984) acreditam que a sociedade precisa ter condições de vida possíveis, poder se alimentar, habitar e produzir o que for necessário para compor a vida material.

A produção do modo de vida é um ato histórico, natural e social. Ao criar sua forma de sobrevivência, garantindo necessidades básicas, os homens criam novas necessidades. O desenvolvimento histórico levou o homem a se organizar em famílias e em sociedade.

Existe uma tentativa de colocar questões históricas como naturais. O ser social é histórico e tratar sua emergência como natural significa contestar a história. Coisas e pessoas se constituem na história em relações sociais, não surgem naturalmente, uma vez que são especialmente humanas. O indivíduo é histórico e

social, não apenas porque ele nasceu em determinado momento, mas, porque nele contém a história da materialidade das relações sociais.

Para atender as suas necessidades, o homem precisa se exteriorizar, se objetivar. A necessidade tanto de objetivação quanto da apropriação da natureza para produzir sua existência são características do ser humano, carências universais. Partindo desses preceitos, compreende-se o trabalho como um dos pilares do ser social e é nele que o homem transforma a natureza, criando meios para sua sobrevivência.

Uma habilidade humana sobre a natureza se manifesta também nas atividades de homens sobre outros homens. O trabalho ganha características próprias no sistema capitalista, chegando a ser evidenciado como sinônimo de emprego.

No desenvolvimento histórico da humanidade, é visível uma divisão de trabalho. Marx e Engels (1984) conferem para avaliação da força produtiva de uma sociedade a observação da divisão de trabalho, visto que esse movimento não é peculiar da atualidade. A divisão do trabalho ocorreu em momentos de patriarcado, escravidão e servidão, entretanto, tomou formas mais desenvolvidas no sistema de classes.

A sociedade com divisão do trabalho cria a aparência do indivíduo isolado, situação em que cada indivíduo pode desfrutar de sensações opostas, por exemplo, quando um tem felicidade o outro acumula cansaço e tristeza, produzir e consumir são para diferentes. A divisão do trabalho gera uma grande contradição social.

Com a divisão do trabalho, na qual estão dadas todas essas contradições, e a qual por sua vez assenta na divisão natural do trabalho na família e na separação da sociedade em famílias individuais e opostas umas das outras. Está ao mesmo tempo dada também na repartição e precisamente a repartição desigual tanto quantitativa como qualitativa do trabalho e dos seus produtos, e portanto a propriedade, a qual já tem o seu embrião, a sua primeira forma, na família, onde a mulher e os filhos são escravos do homem (MARX, ENGELS, 1984, p. 37).

A divisão do trabalho teve na família sua primeira manifestação. Ela é contraditória porque não respeita os interesses de cada um, nem dos membros da família e, além de estar contrária aos interesses coletivos sociais, cria dependência entre os envolvidos na produção.

A forma social baseada na divisão do trabalho diferenciou os interesses, os anseios individuais não conferem com os coletivos, a organização do trabalho definiu para cada pessoa uma obrigação eterna e o trabalho eliminou qualquer possibilidade de transição, já que na perspectiva da divisão, cada um deve executar uma atividade e apenas essa que lhe foi concedida. O controle do trabalho é uma forte expressão do poder sobre o ser humano. Portanto, o indivíduo se subordina, tornando-se limitado, capaz de apenas uma atividade.

A divisão do trabalho cria competição entre os indivíduos e desenvolve um sistema de mentiras. Com sua divisão extensa, o trabalho perdeu qualquer vestígio de naturalidade, as relações passaram por tantas transformações que se tornaram meramente econômicas, movimentadas pela lógica do dinheiro e subordinadas por esse poder. Trabalho se transformou em profissão.

A concorrência gerada pela divisão do trabalho faz com que a existência do trabalhador seja mais isolada e esses indivíduos que se apresentam separados, contribuam para a reprodução desse modelo social. Conforme Marx e Engels (1984), separar os trabalhadores é a intenção, pois, trabalhadores desorganizados dificilmente vão ter apropriação da sua realidade.

## **TRABALHO: ESTRANHAMENTO, PERCA DE SI, DO OUTRO, ALIENAÇÃO E EXPROPRIAÇÃO**

As relações sociais são contraditórias e se desenvolveram ao ponto de afirmar o modelo do indivíduo. A construção desse aspecto da sociabilidade, que é o indivíduo, é histórica, necessária, determinante e indispensável para as exigências da sociedade de classes. Quanto mais avançado o sistema, maior a divisão de trabalho e mais importante se torna o indivíduo.

Essa captação pela aparência, que é uma percepção ideológica, atende ao movimento do capital, assim, o modo de produção tem um forte papel na conformação dessa reprodução. A forma como o trabalho se transformou interfere em todos os aspectos da vida do ser. A partir de um determinado momento histórico, a condição necessária de objetivação não produz reconhecimento, ao contrário, o trabalho, produz alienação, afastamento de si, perda da relação consigo e com os outros e expropriação.

Na relação de produção, o capitalista está sempre com vantagens, já que o trabalhador precisa cuidar por sua manutenção física, garantir seu labor e ser capaz de garantir suas atividades existenciais.

Marx (2010) considera três cenários possíveis para a sociedade e localiza a condição do trabalhador em cada uma. A primeira é em uma sociedade na qual a riqueza está em queda, neste caso, quem mais sofre as consequências é a classe trabalhadora. A segunda condição é uma sociedade em crescimento de riquezas ocorrendo, nesta, a acumulação de trabalho e sua maior divisão, além do aumento da quantidade de trabalhadores. Com isso, ele fica sujeito a lógica do mercado, na qual a oferta conduz a competição, destarte recebem menos por seu trabalho.

Mesmo na situação de sociedade que é mais favorável ao trabalhador, a consequência necessária para ele é, portanto sobre trabalho e morte prematura, descer à [condição de] máquina, se servo do Capital que se acumula perigosamente diante dele, nova concorrência, morte por fome ou mendicidade de uma parte dos trabalhadores (MARX, 2010, p. 27).

Em uma sociedade que se encontra em último estágio de suas riquezas, a realidade seria a oferta de um salário baixo, além de manter o valor sempre fixo. O número de vagas também seria estacionário, condição insustentável. Dentro da economia, o trabalhador é aquele que não possui capital, renda ou propriedade, tendo como única saída o seu trabalho, considerado abstrato. Nesta lógica, o trabalho acaba por se resumir em emprego.

A economia nacional considera o trabalho abstratamente como uma coisa, o trabalho é uma mercadoria: se o preço é alto, a mercadoria é muito procurada, se é baixo [a mercadoria] é muito oferecida; como mercadoria, o trabalho deve baixar cada vez mais o preço: o que força a isso é em parte a concorrência entre capitalista e trabalhador, em parte a concorrência entre trabalhadores (MARX, 2010, p. 36).

O trabalhador não é livre para vender seu trabalho, é obrigado, pois, é o único valor que lhe resta, enquanto o capitalista tem a oportunidade de elencar o trabalho que vai comprar. Acerca dessa propriedade do trabalho, Marx (2010) esclarece que é uma mercadoria com venda compulsória e unilateral. O único livre nesse processo é o que pode comprar.

Para ter meios de subsistência, o ser humano trabalhador precisa se sujeitar às piores realidades, sem garantias, em competição com outros iguais, comprando o sustento diário de si e seus dependentes de acordo com as possibilidades de sua

classe. “O trabalhador não precisa necessariamente ganhar com o ganho do capitalista, mas, necessariamente, perde quando ele perde” (MARX, 2010, p. 25).

O motivo que o capitalista tem para investir é o lucro que obterá. Conforme aponta Marx (2010), não existe uma relação direta com as necessidades sociais, os interesses são apenas individuais, isto é, não servem ao social.

A produção vai determinar todas as relações e a vida do trabalhador se liga intimamente com essa realidade. “Se a oferta é muito maior que a procura, então, uma parte dos trabalhadores cai na morte pela fome. A existência do trabalhador é, portanto, reduzida a condição de existência de qualquer outra mercadoria” (MARX, 2010, p.24).

Na apresentação de Marx (2010), o trabalhador se reduz a uma mercadoria, quanto mais ele produz mais pobre ele se faz. Dentro dessa relação, a tendência social da concorrência é concentrar o poder em poucas mãos. Esse monopólio pode ser visualizado na divisão de dois grupos: o que possuem e os que não detêm propriedades.

O trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadorias cria. Com a valorização do mundo das coisas (sachenwelt) aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens (menschenwelt). O trabalho não produz somente mercadorias: ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e isto na medida em que produz, de fato mercadorias em geral (MARX, 2010, p. 80).

O processo de produção não cria apenas produtos, mas, produz e reproduz um modo de vida. Nele, quanto mais o homem se dedica a esse trabalho, mais perde de si e mais pobre se torna.

O objeto produzido pelo trabalho é estranho. Conforme Marx (2010), estranhamento pode ser entendido de modo que os produtos não podem ser posse dos trabalhadores e, sim, da ordem do capital. Essa relação entre trabalho e ser humano vai ser muito importante para configurar a formação do ser social.

Na determinação de que o trabalhador se relaciona como o produto do seu trabalho como [com] um objeto estranho estão todas essas consequências. Com efeito segundo esse pressuposto está claro: quanto mais o trabalhador se desgasta trabalhando (ausarbeitsend), tanto mais poderoso se torna o mundo objetivo, alheio (fremd) que ele cria diante de si, tanto mais pobre se torna ele mesmo, seu mundo interior, [e] tanto menos [o trabalhador] pertence a si próprio (MARX, 2010, p.81).

A objetivação humana não é seguida pela exteriorização. Para Marx, isso se dá na determinação das condições. A exteriorização se dá na perda de si e dos outros. Ademais, o trabalho que deveria ser uma atividade de reconhecimento, no capitalismo, torna-se lugar de carência, afastamento de si e estranhamento.

Falar sobre a relação do homem com a natureza remete a compreensão de que ele não se constitui como próprio da natureza. O ser social tomado pela aparência é fruto das relações sociais e foi constituído historicamente dentro das relações de interdependência.

A realidade é contraditória, não se apresenta clara e objetiva. A grande contradição está em pensar em como as relações de dependência são tão evidentes e, ainda, assim exista a crença tão exacerbada no indivíduo, existindo muitos mediadores que dificultam o esclarecimento dessa realidade.

Para tentar pensar nessa contradição, é importante colocar a questão do homem com a natureza. Nesse meio, o ser social é uma representação imediata, não sendo considerado algo natural. Diz respeito à natureza, não significa ser natural. A relação do homem com a natureza não é natural, é uma relação mediada.

A relação do homem com a natureza se estabelece com o trabalho, visto na história que todo trabalho depende de outros que o antecederam, isto é, trabalho sobre trabalho. No modo de produção presente, a complexificação do trabalho tornou as ligações cada vez mais individuais, dissimulando uma conquista. Assim, o homem parece livre, soberano e dono de seu trabalho. Ao observar melhor, é possível notar que não existe liberdade nesse processo, o que é perceptível é uma intensificação da noção de indivíduo. O trabalhador pode escolher para qual outro isolado venderá sua força de trabalho, contudo, não pode escolher para qual classe ambiciona negociar, pois, naturalmente, é um ser de necessidades e vive em uma lógica de classes na qual precisa se sustentar a cada dia.

Essa captação pela manifestação aparente do ser social como individual é difícil de manter, inclusive, conseguir manter essa lógica de homem livre, sozinho, que define seu destino exige muito investimento. Para se desenvolver, esse processo constrói a falsa impressão de estabilidade, negando questões históricas, considerando que a relação do homem com a natureza se manteve da mesma forma desde o princípio da civilização, encobrindo a forma história e social do trabalho no capital.

Na superficialidade, o ser social é o homem isolado, idealizado no seio da sociedade capitalista. A afirmação do ser social foi forjada da individualidade e da eliminação de relações sociais, elaborada pelos princípios liberdade, independência, isolamento e egoísmo. Essa noção de ser social como individual não é natural. Criado a partir dos interesses vigentes, o individualismo é um dos principais pilares de manutenção da sociedade burguesa. O modo de produção sustenta essa compreensão e precisa sustentar tal ideologia, retirando do ser social as relações, desvendando um projeto de sociabilidade delicado e insustentável.

A produção oculta a questão social no próprio objeto, na forma como se apresenta e no trabalho. O ser humano é portador de necessidades e, ao satisfazer essas necessidades, aparecem outras. A história apresenta algumas transformações no modo como o homem realiza o seu modo de vida e em como estabelece a relação com a natureza.

A natureza é fundamental para que trabalhador possa exercer sua atividade. Conforme Marx (2010), ela é a matéria na qual é possível efetivar o trabalho, permitindo que o ser humano exista como trabalhador e sujeito físico. O estranhamento do trabalhador com os produtos do seu trabalho é uma das formas citadas e não acontece apenas no produto ocorrendo, também, no ato da produção. O produto é a exteriorização e, no processo de produção, o trabalhador também estranha a si mesmo.

O trabalhador só se sente, por conseguinte e em primeiro lugar, junto a si [quando] fora do trabalho e fora de si [quando] no trabalho. Está em casa quando não trabalha e, quando trabalha, não está em casa. O seu trabalho não é portanto voluntário, mas forçado, trabalho obrigatório (MARX, 2010, p. 83).

Dessa forma, o trabalho acontece apenas para satisfazer necessidades, tornando-se lugar de obrigações e punição cotidiana. Nele, ocorre externalização, ou seja, uma atividade que é feita não para si, mas para outro que não pode ser um trabalhador, apesar de ser outro ser humano. Conforme aponta Marx (2010), ao pertencer ao outro, o homem não pertence a si mesmo. Quanto mais se dedica ao trabalho, mais estranho a si ele parece.

Chega-se, por conseguinte, ao resultado de que o homem (o trabalhador) só se sente como [ser] livre e ativo em suas funções animais, comer beber e

procriar, quando muito habitação e adornos etc., em suas funções humanas só [se sente] como animal (IDEM, p.83).

Acontece com isso o estranhamento da coisa e o estranhamento de si. Quando o trabalhador não se reconhece no produto, este é estranho, pertence a outro. Por conseguinte, a produção é um momento no qual o homem não se realiza como ser humano, agindo de forma forçada, mecânica e infeliz.

Para explicar uma terceira forma de estranhamento, Marx (2010) aponta que o homem é um ser genérico, que depende da natureza para sua vida imediata e contém natureza orgânica em sua constituição corporal física.

O Homem vive da natureza significa: a natureza é o seu corpo, com o qual ele tem de ficar num processo contínuo para não morrer. Que a vida física e mental do homem está interconectada com a natureza não tem outro sentido senão que a natureza está interconectada consigo mesma, pois o homem é uma parte da natureza (IDEM, p. 84)

Para Marx (2010), o trabalho estranhado exproba o homem do gênero humano, ressignificando a relação consigo mesmo e com os outros. O ser universal se toma individual, a vida genérica uma forma para se alcançar a vida individual. Quando o ser genérico se apresenta como individual, existe uma perda de referência de seu gênero. A atividade livre e a consciência são características do ser genérico homem.

O animal é imediatamente um com a sua atividade vital. Não se distingue dela. É ela. O homem faz de sua atividade vital mesma um objeto da sua vontade e da sua consciência. Ele tem atividade vital consciente. Esta não é uma determinidade (Bestimmtheit) com a qual ele coincide imediatamente. A atividade vital consciente distingue o homem imediatamente da atividade vital animal. Justamente [é] só por isso, ele é um ser genérico. Ou ele somente [é] um ser consciente, isto é, a sua própria vida lhe é objeto, precisamente porque é um ser genérico. Eis por que sua atividade é uma atividade livre. O trabalho estranhado inverte a relação a tal ponto que o homem, precisamente porque é um ser consciente, faz sua atividade vital, da sua essência, apenas um meio para sua existência (MARX, 2010, p. 85).

O trabalho estranhado transforma a relação do homem com seu gênero. Segundo entendimento do autor, faz com que a natureza do homem seja estranha a ele, assim como o corpo. A essência humana é desconfigurada em uma existência individual. A consequência desse processo de estranhamento do produto e de sua natureza genérica é o estranhamento dos homens.

O homem é estranho a outro homem e isso acontece porque, quando um encontra outro do mesmo, este também é estranho a sua essência humana.

O estranhamento do homem, em geral toda relação na qual o homem está diante de si mesmo, é primeiramente efetivado, se expressa, na relação em que o homem está para outro homem. Na relação do trabalho estranhado cada homem considera, portanto, o outro segundo o critério e a relação na qual ele mesmo se encontra como trabalhador (MARX, 2010, p. 86).

O estranhamento gera um produto final, apresentado na forma exteriorizada que é a propriedade privada. “A propriedade privada resulta, portanto, por análise, do conceito de trabalho exteriorizado, isto é, de homem exteriorizado, de trabalho estranhado, de vida estranhada, de homem estranhado” (IDEM, p.87).

O sujeito se põe no objeto e o que constitui sua consciência é o objeto internalizado. É pela necessidade que o ser humano trabalha, contudo, na sociedade capitalista, a condição de objetivação não leva ao reconhecimento, mas, perda de si. O sujeito não se encontra no trabalho, pelo contrário, nele se perde, produzindo estranhamento. No trabalho capitalista, em condições determinadas, o objeto no qual o homem se coloca é estranho e o objeto não lhe pertence.

O ser humano se relaciona com o mundo a partir de suas relações omnilaterais, seu corpo e todas as extensões, seus sentidos usados de várias formas. As relações capitalistas, em especial a propriedade privada, valorizaram excessivamente a propriedade, aquilo que se pode ter, possuir. A valorização das coisas tomou um sentido de uso demasiadamente vívido. “O lugar de todos os sentidos físicos e espirituais passou a ser ocupado, portanto, pelo simples estranhamento de todos esses sentidos, pelo sentido do ter” (MARX, 2010, p. 108).

A valorização do ter engendrou no ser humano o estranhamento dos seus sentidos, dando prestígio ao que pode ser usado, manipulado, adquirido. Essa realidade afirma o estranhamento do homem consigo mesmo, perda de sentidos e falseamento da realidade.

As pessoas se tornam escravas de produtos, a propriedade privada inventa carências não humanas, fabrica desejos para continuar a produzir e a reproduzir o modo de vida capitalista. “Ao trabalhador, só é permitido ter tanto para que queira viver, e só é permitido viver para ter” (MARX, 2010, p. 142). A vida prática volta-se a uma contenda com destino a acumulação, os impulsos do ser individual são canalizados para reunir valores.

O estranhamento parece tanto no fato de meu meio de vida ser de um outro, no fato de que cada coisa mesma é um outro enquanto si mesma, quanto [também] no fato de que minha atividade é um outro, quando finalmente – e isso vale de que, em geral o poder não humano domina (IDEM, p.146).

Sobre o dinheiro, Marx (2010) aponta que é um meio individual que o homem criou para conseguir aquilo que suas forças essenciais não alcançam, “O dinheiro faz, assim, de cada uma dessas forças essenciais algo que em si ela não é, ou seja, o seu contrário” (MARX, 2010, p.160). O dinheiro pode comprar atributos que o ser individual não anuncia naturalmente, adquirir elementos representativos no domínio da imaginação.

O dinheiro – enquanto exterior, não oriundo do homem enquanto homem, nem da sociedade humana enquanto sociedade -, meio e capacidade universais, faz da representação efetividade e da efetividade uma pura representação, transforma igualmente as forças essenciais humanas efetivas e naturais em puras representações abstratas e, por isso, em imperfeições, angustiantes fantasias, assim como, por outro lado, transformar as efetivas imperfeições em fantasias, as suas forças essenciais realmente impotentes que só existem, em forças essenciais efetivas e efetiva capacidade (IDEM, p. 160).

O dinheiro, com tais características, tem a capacidade de converter algo no seu contrário, o que foi denominado de inversor universal de individualidades, trazendo barreiras para os vínculos sociais e mesmo para o indivíduo, já que o amor pode transformar em ódio, ódio em amor, amizade em inimizade, inimizade em amizade. Marx (2010) avalia esse movimento como inversão de qualidades naturalmente humanas, ou seja, o dinheiro confraterniza impossibilidades.

Na avaliação do autor, o ser humano só deveria, por exemplo, trocar sentimentos por sentimentos, amizade por amizade e, para ser reconhecido como artista, deve-se dedicar ao ofício. Cada sujeito deveria ser percebido pelo seu legado artístico, intelectual, cultural, todavia, o dinheiro provoca inversões, sendo possível trocar amor e confiança por ele. Os que não dispõem de habilidades artísticas podem de forma aparente comprar esses atributos. Pessoas endinheiradas são, socialmente, consideradas influentes, mesmo sem apresentar qualquer vestígio ou qualidade de destaque. Por esses motivos, o dinheiro é capaz de confraternizar impossibilidades e inverter atributos humanos.

A propriedade privada tem lugar privilegiado na transmissão ideológica do modo de vida burguês, transformando as relações de trabalho em emprego e reconfigurando a realidade. O trabalho é necessidade humana, já a forma como ele se apresenta é específica. Conforme Marx, o trabalho é lugar de objetivação de reconhecimento, entretanto, na forma alienada, ele tira do ser humano essa faculdade. Como consequência disso, o homem perde a sua condição universal. A ruína é incomensurável e o indivíduo se perde do objeto, do outro, perde a si mesmo, tudo parece estranho. Essa alienação não é individual, mas, coletiva.

A forma de produzir mercadorias alcança todas as esferas da vida. O trabalho se converte em profissão e causa perda do sentido de universalidade. Assim como o homem no trabalho parece um ser isolado, o ser social perde sua característica de coletividade, apresentando-se como indivíduo independente, o modo de produção oculta as relações sociais, cria produtos e modelos de vida, além de legitimar a falsa ideia de que o homem não necessita de relações sociais.

Os resultados apresentados pela história precisam ser refletidos em emergência.

No desenvolvimento das forças produtivas atinge-se um estágio no qual se produzem forças de produção e meios de intercâmbio, que sob relações vigentes, só causam desgraça, já que não são forças de produção, mas forças de destruição (maquinaria e dinheiro) – e, em conexão com isso com isso, é produzida uma classe que tem de suportar todos os fardos da sociedade sem gozar de vantagens desta e que, excluída da sociedade é forçada ao mais decidido antagonismo a todas as outras classes ((MARX, ENGELS, 1984, p.46).

Essa classe comporta a maior parte da sociedade e, para os autores, deve desenvolver a consciência comunista, que necessita de grande alcance e transformação radical, uma revolução que seja capaz de fundar uma nova sociedade.

A libertação real do homem, segundo Marx e Engels (1984), só será possível quando o ser humano tiver condições de conseguir quantidades suficientes de subsistência. Na sociedade de classes, o trabalhador fica em desvantagem para obter de forma qualitativa e quantitativa seus meios de vida.

O comunismo é uma forma apresentada pelos autores de superação da realidade atual.

O comunismo não é para nós um estado de coisas que devem ser estabelecido, um ideal pelo qual a realidade (terá) de se regular. Chamamos comunismo ao movimento real que supera o atual estado de coisas. As condições deste movimento resultam da premissa atualmente existente (MARX, ENGELS, 1984, p. 42).

A superação dessa condição humana construída historicamente está na sobrepujança dessa particularidade histórica e do modo de produção. Como aponta Marx (2010), quanto mais avançado o capitalismo, mais individual as coisas se tornam, há mais divisão de trabalho e menos coletiva a vida se faz.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O trabalho é um dos elementos essenciais para a discussão do ser social. Em um amplo conceito, o trabalho estabelece a relação do homem com ele mesmo, com a natureza, com os outros iguais. Conforme Marx, o trabalho é que vai mediar a relação do homem com a natureza, é nele que o homem realiza objetivação. O trabalho é importante na conformação do homem em sua sociabilidade, não se constituindo apenas enquanto ser na natureza.

Com o desenvolvimento da sociedade burguesa, o modo de produção cada vez mais elaborado, a divisão do trabalho, classes e a importância dada à propriedade privada, o trabalho tornou-se um lugar de individualização, no qual, aparentemente, cada um tem um papel definido e definitivo. Converteu-se a profissão, deixando o ser humano afastado de si, do outro. O lugar que deveria ser de reconhecimento se torna de estranhamento.

A noção falsa de ser individual é produzida e disseminada na sociedade como uma forte marca do sistema, garantindo a alienação do homem no seu trabalho e nas relações sociais, tornando-o cada vez mais sujeito ao isolamento e à crença na individualidade. Mesmo envolvido de interdependência, o ser humano perde sua condição de universalização.

A superação dessa condição humana construída historicamente está em vencer essa particularidade histórica. A proposta do comunismo visa a transformação da sociedade, rupturas com a estrutura, transformação dessa falsa noção de ser social construída com fins determinados.

## **REFERÊNCIAS**

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**: teses sobre Feuerbach. São Paulo: Moraes, 1984.

RESENDE, Anita Cristina Azevedo. **Ontologia e práxis**: a historicidade do ser social. Goiânia: UFG – Faculdade de educação, 20 set. 2016. Aula ministrada no programa de Pós-Graduação em Educação/mestrado e doutorado da Universidade Federal de Goiás/Faculdade de Educação.